

NÍSIA FLORESTA: UMA VOZ OCULTA NA LITERATURA BRASILEIRA

NISIA FORESTA: A HIDDEN VOICE IN BRAZILIAN LITERATURE

Simone Maria Martins¹
Antonio Donizeti Cruz²

Resumo: O intuito deste artigo é abordar e refletir a voz da escritora Nísia Floresta, importante feminista que se destacou no cenário internacional, mas pouco conhecida por seus livros e poesias no Brasil. No primeiro momento este estudo levantou sua bibliografia, encontrando uma mulher de ousadia e coragem para escrever e publicar, em tempos que não se tinha espaço na sociedade, por isso, consagrou-se a primeira escritora no jornalismo brasileiro. Fundou, no Rio de Janeiro, uma escola de educação para as mulheres. Conheceu e estudou com August Comte. Pesquisou as condições das mulheres francesas, inglesas, alemãs e portuguesas. Nísia Floresta defendia a conquista da emancipação feminina por intermédio do acesso à política, à ciência e à literatura. Por esses motivos, o principal objetivo deste estudo é apresentar a voz desta escritora, para isto, elegeram-se duas de suas principais obras. Na primeira, a análise do livro “*Direitos das mulheres e injustiça dos homens*” (tradução de Mary Wollstonecraft – 1759/1797 escrita por Mary Wortley Montagu – 1689/1762), um protesto, no qual se questiona por que os homens se interessavam em separar a mulher das ciências. Dividido em três capítulos que trata do conceito que os homens faziam das mulheres, da inferioridade feminina em relação aos homens e da capacidade das mulheres ao ensino das ciências. Na segunda obra “*Opúsculo humanitário*”, aponta sua defesa na educação de meninas e do ensino de maneira geral, nesse livro a autora valeu-se de dados oficiais para tecer duras críticas ao sistema de ensino da época e aos medíocres métodos e doutrinas seguidas pelas professoras. Nas considerações finais, apontam-se as reflexões pertinentes à importância desta escritora, tanto por sua coragem em publicar, quanto por sua ousadia em enfrentar a sociedade brasileira pós-colonial, dominada pelo imperialismo, marcada pelo preconceito, machismo e exclusão.

Palavras-chave: Mulher. Poesia. Emancipação.

Resumen: El propósito de este artículo es abordar y reflejar la voz del escritor Nísia Floresta, feminista importante que se destacó en el ámbito internacional, pero poco conocido por sus libros y poesía en Brasil. Al principio de este estudio planteó su bibliografía, la búsqueda de una mujer de audacia y el coraje para escribir y publicar en tiempos que no tenían lugar en la sociedad, por lo que fue consagrado el primer

¹ Aluna Doutoranda do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Letras, área de concentração em Linguagem e Sociedade, em nível de Mestrado e Doutorado, da UNIOESTE.

² Professor Orientador Dr Antonio Donizeti da Cruz, no Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Letras, área de concentração em Linguagem e Sociedade, em nível de Mestrado e Doutorado, da UNIOESTE.

escritor en el periodismo brasileño. Fundó en Río de Janeiro una escuela de educación para las mujeres. Conoció y estudió con August Comte. Investigado las condiciones de las mujeres en francés, inglés, alemán y portugués. Nísia Floresta defendió el logro de la autonomía de la mujer a través del acceso a la política, la ciencia y la literatura. Por estas razones, el objetivo de este estudio es presentar la voz de este escritor, ya que fue elegido dos de sus obras más importantes. En el primer análisis del libro “*Direitos das mulheres e injustiça dos homens*” (traducción Mary Wollstonecraft - 1759/1797 escrita por Mary Wortley Montagu - 1689/1762), una protesta que se pregunta por qué los hombres estaban interesados en la separación de la mujer ciencia. Dividido en tres capítulos que tratan con el concepto de que los hombres eran mujeres, la inferioridad de las mujeres a los hombres y la capacidad de las mujeres a la educación científica. En la segunda obra “*Opúsculo humanitário*”, dice su defensa en la educación de las niñas y las enseñanzas generales en este libro el autor se basó en los datos oficiales para tejer duras críticas en el momento en el sistema educativo y los mediocres seguido por métodos y doctrinas los maestros. En las palabras de clausura, apunta a las consideraciones pertinentes de la importancia de este escritor, tanto por su valor en la publicación, y por su valor para afrontar la sociedad brasileña post-colonial, dominada por el imperialismo marcada por el prejuicio, el sexismo y la exclusión.

Palabras clave: Mujer. Poesía. Emancipación.

INTRODUÇÃO

O principal objetivo deste artigo tem como meta apresentar uma voz um tanto oculta na literatura brasileira, ao se tratar da escritora Nísia Floresta. Para isto, a metodologia adotada buscou pesquisar a vida e as obras desta escritora, levantando uma breve biografia de sua vida, além do estudo comparado em dois livros que ressoassem sua voz. A escolha das obras teve como critério coletar excertos que evidenciassem sua história, seu pensamento, sua luta e seu pioneirismo na escrita feminina no Brasil. Nas considerações finais, foram tecidas algumas reflexões sobre a importância desta precursora da escrita feminina e da luta pela emancipação da mulher na sociedade brasileira, com análise destes dois principais livros.

A primeira reflexão discorre sobre o livro “*Direitos das mulheres e injustiça dos homens*”, que trata das questões das desigualdades vividas pelas mulheres durante o século XIX, no caso desta escritora, mais precisamente entre 1810 e 1885. Em seguida, será feita uma abordagem no livro “*Opúsculo humanitário*”, obra criada por Nísia Floresta e publicada pela primeira vez em forma de artigos nos jornais “*Diário do Rio de Janeiro*” e “*O Liberal*”, entre 1852 e 1853. Este livro foi publicado pela última vez em 1989, por duas importantes pesquisadoras em Literatura Feminina. Esta última edição nasceu quando sua obra foi descoberta numa visita de Peggy Sharpe-Valadares³¹

³ Residiu no Brasil (1979 a 1982) como professora visitante-adjunto da Universidade Federal do Maranhão e, mesmo depois, quando retornou à Universidade de Illinois (EUA), leciona Língua Portuguesa e Literatura Luso-Brasileira, continuando pesquisando e escrevendo ensaios sobre escritoras brasileiras.

(EUA), na biblioteca da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, na qual atuava como professora visitante, em que posteriormente, no ano de 1989 publicou o livro em conjunto com a professora e pesquisadora Constância Lima Duarte⁴² (BR).

No livro “*Opúsculo humanitário*”, são reveladas duras críticas ao sistema de ensino no período imperial do Brasil, um documento extremamente valioso para analisar a história da educação deste período, onde não se encontram facilmente relatos daquele momento histórico. Para além do registro oficial, no domínio de um governo imperialista, Nísia Floresta demonstra muita coragem ao apontar severas críticas à educação formal proporcionada para as mulheres, no qual somente reforçava os afazeres domésticos e a submissão feminina.

Nesse sentido, buscou-se destacar um nome pouco lembrado em meio a tantos estudos e pesquisas sobre esse assunto, principalmente por diversas questões relacionadas ao momento histórico que viveu Nísia Floresta, uma personalidade que esteve muito além de seu tempo, que desafiou uma sociedade marcada pelo preconceito, o machismo, a ignorância, a intolerância e a exclusão das mulheres (índios e negros) na vida social do Brasil no século XIX.

Desde o nascimento de Nísia Floresta, em 1810, até sua morte em 1885, foram 75 anos de um percurso de vida marcado pela coragem, a sensibilidade poética, o dom da escrita e pensamento de indignação quanto à forma em que a mulher se condicionava a viver. Por isso, essa ilustre figura, marcou o século XIX de forma a impulsionar no século XX a introdução da mulher contemporânea brasileira na vida social, política e profissional.

A primeira obra “*Direitos das mulheres e injustiça dos homens*”⁵³ é composta de três capítulos. No primeiro capítulo, é tratado sobre o conceito de que os homens faziam das mulheres, no segundo capítulo, abre uma discussão sobre a questão da inferioridade feminina quanto aos homens, e no terceiro capítulo, aborda a importância e a capacidade das mulheres em ensinar ciências, inclusive na saúde, questionando os motivos que as impediam de ingressarem nesta área.

Na obra “*Opúsculo humanitário*” (1853/1989), aponta sua defesa na educação de meninas e do ensino de maneira geral. No livro, a autora valeu-se de dados oficiais, para tecer duras críticas ao sistema de ensino da época. Nísia Floresta buscou, de diversas formas, encontrar meios para combater essa situação, um deles foi fundar uma escola para a educação das mulheres no Rio de Janeiro, o Colégio Augusto, o qual tinha em sua proposta pedagógica, combater o preconceito, tanto que, no final de sua vida, continuou a escrever e condenar os erros seculares da formação educacional da mulher.

⁴ Professora da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, com atuação no Programa de Pós-Graduação em Letras Estudos Literários. Tem experiência na área de Literatura Brasileira, com ênfase em literatura de autoria feminina, crítica literária feminista, literatura do Rio Grande do Norte e de Minas Gerais.

⁵ Tradução de Mary Wollstonecraft – 1759/1797 e escrita por Mary Wortley Montagu – 1689/1762.

Outro fato marcante em Nísia Floresta, foi conhecer como ocorreu seu contato com August Comte num primeiro momento, quando ela assistiu uma palestra ministrada por ele no Rio de Janeiro, mas isso foi só o começo de uma longa amizade. Ela se interessou pela proposta positivista de Comte, que acreditava servir para as mulheres, por outro lado, Comte ficou fascinado com a ousadia feminista de Nísia. Em princípio, ele pensou ter ganhado uma adepta e “discípula”, mas ao contrário, ela foi quem ganhou um admirador.

O tempo em que Nísia Floresta viveu era de muitas transformações sociais, tanto que até o momento de sua morte, a situação política estava no apogeu das lutas entre o império monárquico e os idealizadores da proclamação da república, inclusive a autora teve a admiração dos movimentos liberais republicanos, pois ela escrevia e publicava sua defesa a favor dos ideais da república.

O mais interessante no discurso de Nísia Floresta, fundamenta-se na luta pela emancipação feminina, por intermédio do acesso à educação formal. Para ela, não havia outra forma da mulher se libertar das amarras de sua condição, defendia que somente por meio da educação isso seria possível. Era totalmente contra quanto à função da escola, que persistia em ensinar as mulheres a aperfeiçoarem suas habilidades nos afazeres domésticos. Enfatizava que as mulheres tivessem acesso ao conhecimento científico, social e artístico, sem que perdessem sua feminilidade, sem que se rebaixasse à conduta moral masculina, pois tinha uma visão bem negativa quanto à conduta masculina.

Isso parece claro, quando Nísia criticou a postura promíscua da mulher francesa, no sentido da liberdade sexual, defendia o modelo de mulher inglesa, que ao invés de lutar pelos direitos sexuais igualitários aos dos homens, ela defendia a ética e o bom senso da mulher inglesa, que lutava para ocupar cadeiras literárias, científicas e políticas, não perdendo sua doçura e feminilidade.

VIDA E OBRAS DA PRIMEIRA VOZ FEMININA A SER PUBLICADA NO BRASIL

Dionísia Gonçalves Pinto, destaca-se por sua atuação na poesia, nas crônicas e nas dissertações que deixou em seu legado de grandes obras publicadas. Além disso, como já mencionado, fundou uma escola e buscou colocar em prática uma proposta pedagógica voltada à educação das mulheres, o que causou muito impacto naquele momento de tanta segregação à posição e à condição da mulher.

A principal fonte que descreverá este breve histórico biográfico vem da coleção de pensadores brasileiros, escrita por Duarte (2010), que relata um belo histórico sobre a vida e obras de Nísia Floresta Brasileira Augusta, que tem seu nascimento datado em 10 de outubro de 1810 no sítio Floresta, em Papari, Rio Grande do Norte, hoje atual cidade com seu próprio nome.

Nísia Floresta nasceu e passou sua infância no interior do Rio Grande do Norte. Em 1823 aos 13 anos de idade se casou com um jovem fazendeiro, mas em menos de um ano se separaram e ela voltou a residir com os pais. Seu pai era advogado, e quando Nísia completou 18 anos, ele foi assassinado após ganhar uma causa, que de acordo com ela mesma, os responsáveis seriam poderosos coronéis da época, que não toleravam um advogado agindo contra seus interesses.

Em 1831, Nísia Floresta inicia sua vida no mundo das letras, estreando no “*Espelho das Brasileiras*”, um jornal dedicado às senhoras pernambucanas, do tipógrafo francês Adolphe Emille de Bois Garin, afirma-se que nesse momento começa a surgir a escritora. Durante trinta edições (de fevereiro a abril), Nísia colabora com artigos que tratam da condição feminina em diversas culturas. No ano seguinte, publica o primeiro livro chamado “*Direitos das mulheres e injustiça dos homens*”, uma tradução livre do “*Vindication of the rights of woman*”, de Mary Wollstonecraft.

Nísia casou-se novamente, desta vez com um jovem advogado, em 1833 mudou-se com seu marido, filhos e sua mãe para Porto Alegre (RS). Neste mesmo ano, seu esposo Manuel Augusto morre repentinamente aos 25 anos, deixando-a com os dois filhos pequenos. Mesmo assim, Nísia decide permanecer em Porto Alegre, dedicando-se intensamente aos filhos e ao magistério.

Em Porto Alegre, lança a segunda edição de “*Direitos das mulheres e injustiça dos homens*”. Devido à Revolução Farroupilha, o clima na capital gaúcha fica tenso e as dificuldades para uma mulher chefe de família se tornam algo pesado para aquele lugar, assim Nísia Floresta transfere-se para o Rio de Janeiro, onde em 1838 inaugurou o “Colégio Augusto”, em homenagem ao companheiro falecido. Já em 1839, no Rio de Janeiro lança a terceira edição de “*Direitos das mulheres e injustiça dos homens*”.

Em 1846, recebe elogios do “*Jornal do Comércio*”, do Rio de Janeiro, onde as alunas e a diretora receberam destaque. Porém, o mesmo jornal publicou diversas críticas anônimas ao “Colégio Augusto”, por considerar as propostas educacionais avançadas e inadequadas às meninas. Outro jornal denominado “*O Mercantil*” ironizava, com críticas, o fato do “Colégio Augusto”, ofertar aulas de latim em seu currículo.

Nísia realiza três novas publicações no Rio de Janeiro, a primeira “*Daciz*” ou “*A jovem completa*”, é uma história oferecida às educandas do colégio. A outra publicação tem proposta moralista denominado “*Fany*” ou “*O modelo das donzelas*”, publicado em 1847, pelo “Colégio Augusto”. A terceira publicação é um discurso que as suas educandas dirigiram à “Nísia Floresta Brasileira Augusta”, pronunciado no encerramento das aulas do “Colégio Augusto”.

Em 1849, lança a primeira edição de “*A Lágrima de um caeté*”. Com poema de 712 versos, trata do processo de degradação do índio brasileiro colonizado pelo europeu, além do drama vivido pelos liberais durante a Revolução Praieira. Neste mesmo ano, Nísia Floresta resolve ir para a Europa. Chegando em Paris, encontrou um clima agitado, ainda com as consequências dos efeitos das revoluções do ano anterior.

Em 1850, publica em Niterói um romance histórico “*Dedicação de uma amiga*”, trazendo apenas as iniciais B. A. como assinatura, de acordo com historiadores esse livro deve ser considerado o primeiro romance escrito por alguém do Rio Grande do Norte. Em 1851, conhece August Comte, ao assistir às conferências do Curso de História Geral da Humanidade, no auditório do Palais Cardinal, ministradas pelo próprio Comte. Neste mesmo ano, resolveu voltar para a França e viajar pela Europa, foi a Portugal e retornou ao Brasil no ano seguinte.

Chegando ao Brasil, em 1852, o “*Jornal das Senhoras*” do Rio de Janeiro, saudaram a chegada da escritora e descreveram sua experiência na Europa. No ano seguinte, publicou uma das suas maiores obras intitulada “*Opúsculo humanitário*”, com 62 capítulos sobre a educação da mulher, dos quais os vinte primeiros foram publicados anonimamente no “*Diário do Rio de Janeiro*”, no mesmo ano do lançamento do livro.

Alguns meses depois, com o livro já circulando, o texto integral reaparece em “*O Liberal*”, um periódico político e noticioso de Silva Lima, onde a autora combate o preconceito e condena os erros seculares da formação educacional da mulher, não só no Brasil como em diversos países.

Em 1855, publica em “*O Brasil Ilustrado*”, um poema que escreveu cujo título é “*Um improviso, na manhã do 1º do corrente, ao distinto literato e grande poeta Antônio Feliciano de Castilho*”. No mesmo ano, escreve em oito capítulos a crônica “*Páginas de uma vida obscura*”, onde o texto traz a história de um negro escravo e as ideias da autora acerca da escravidão. Em seguida, publica “*Passeio ao Aqueduto da Carioca*”, em que ela se faz de cicerone e passeia com o turista pelo Rio de Janeiro.

Nísia se destaca pelo sentimento de solidariedade, trabalhando como voluntária junto às vítimas da febre amarela, na enfermaria do Hospital de Nossa Senhora da Conceição. Em 1856, segue em mais uma viagem à Europa, onde somente após dezesseis anos tornará a ver a paisagem carioca de que tanto gostava, bem como os parentes que ficaram no cais. O “*Colégio Augusto*” anuncia pela última vez seus cursos e, após dezoito anos de funcionamento, fecha definitivamente suas portas.

A escritora recebeu o filósofo August Comte em sua residência parisiense, onde posteriormente iniciam trocas de correspondências entre eles, que ainda hoje arquivadas no Templo da Humanidade com sede na Igreja Positivista do Brasil, na cidade do Rio de Janeiro, que somam um total de treze cartas. Seu contato com August Comte é um grande destaque na vida de Nísia, tanto que em 1857, com a morte de Comte, ela foi uma das quatro mulheres autorizadas a acompanhar o cortejo fúnebre.

No ano de 1858, publicou a primeira edição de “*Consigli a mia figlia*”, com tradução da própria autora para o italiano, com publicação em Florença pela “*Stamperia Sulle Logge del Gren*”, e os quarenta pensamentos em verso da edição brasileira apareceram em prosa.

Quando completou 50 anos, Nísia Floresta instalou-se em Florença e teve a oportunidade de acompanhar cursos de botânica ministrados por Parlatore, antigo colaborador de Humboldt. Em 1867, publicou, em Londres, a tradução inglesa de

um dos ensaios de “*Scintille: La donna*”, que segundo informações foi publicado em Paris, apesar de estar incluído entre os títulos da autora, não foi conhecido nenhum exemplar desse livro, nem é encontrada referência a ele nos catálogos da Biblioteca Nacional de Paris.

Nísia retornou ao Brasil em 1871, devido à forte pressão da família e também por ficar desgostosa com os conflitos da Comuna em Paris, primeiro vai para Lisboa, de lá embarca para o Rio de Janeiro. No ano seguinte, a revista “*O Novo Mundo*”, de J. C. Rodrigues, de *New York*, traz uma extensa notícia biográfica da autora acompanhada de um retrato, que contribui para torná-la ainda mais conhecida naquela época. Porém, sua estada no Brasil durou pouco mais de dois anos, retornando à Europa, primeiro foi para Inglaterra, e logo em seguida, para Lisboa.

Sua última publicação é datada de 1878, em seu último trabalho intitulado “*Fragments d’un ouvrage inédit*”, lançado em Paris, por A. Cherié Editeur, esse livro apesar de conter informações referentes ao seu irmão Joaquim Pinto Brasil, devido à sua morte, traz também dados biográficos da autora, até então desconhecidos.

Em 1885, no dia 24 de abril, numa quarta-feira de muita chuva, Nísia Floresta Brasileira Augusta morre vitimada por uma pneumonia. Foi enterrada na França, num jazigo perpétuo no Cemitério de *Bonsecours*. Ao todo, revela-se, no momento, um total de 15 livros publicados por Nísia Floresta, alguns em língua italiana e francesa, sendo eles os seguintes: “*Direito das mulheres e a injustiça dos homens*”; “*Conselhos à minha filha*” (Português-Italiano-Francês); “*Fany ou o Modelo das donzelas*” (Novela); “*Daciz ou a Jovem completa*” (Novela); “*Discurso que as suas educandas dirigiu à Nísia Floresta Brasileira Augusta*”; “*A Lágrima de um caeté*” (Poemas em Português-Italiano-Francês); “*Dedicação de uma amiga*”; “*Opúsculo humanitário*”; “*Itineraire d’un voyage en Allemagne*” (Itinerário de uma viagem à Alemanha); “*Scintille d’un’alma brasileira*” (Cintilações de uma alma brasileira); “*Trois ans en Italie, suivis d’un Voyage en Grèce*” (Três anos na Itália, seguidos de uma viagem à Grécia) – 1º volume; “*Woman*” (A mulher); “*Fragments d’un ouvrage inédit: notes biographiques*” (Fragmentos de uma obra inédita: notas biográficas); “*Parsis*”; “*Le Brésil*” (O Brasil).

Essa escritora merece grande destaque na área jornalística, considerada a primeira mulher a ter espaço e ser respeitada, ao soltar sua voz na imprensa brasileira. Segundo Cláudia Luna (2012), registra-se em sua terra natal a publicação de artigos no Jornal “*Espelho das Brasileiras*”, entre fevereiro e abril de 1931. Em seguida, no ano de 1932, no mesmo jornal, Nísia publica pela primeira vez a tradução do livro “*Direitos das mulheres e injustiça dos homens*” (LUNA, 2012).

Conforme Duarte (2010) aponta, Nísia tem registros de publicações no “*Diário do Rio de Janeiro*” e depois no “*O Liberal*”, entre 1852 e 1853. Participou ativamente com importantes publicações no Jornal “*O Brasil Ilustrado*” - Rio de Janeiro (1855-1856), com suas principais críticas em meio ao cenário caótico de segregação, exclusão e escravidão em que o Brasil viveu, durante o regime monárquico, escrevendo uma série de artigos em destarte no jornal “*Brasil Ilustrado*”, as temáticas: “*Páginas de uma*

vida obscura”; *“Passeio ao aqueduto da Carioca*”; e; *“O pranto filial”* (DUARTE 2010).

Ao destacar, brevemente, um pouco da vida de Nísia Floresta, acredita-se que seja notável a importância desta autora dentro do cenário brasileiro. Percebe-se que foi uma espécie de desbravadora quanto à luta pelo direito da mulher ter acesso à ciência, educação, política, bem como ter condições para exercer funções de trabalho, que poderiam ser realizadas tão bem quanto os homens. Citava, inclusive, a questão da ocupação em cargos públicos, as quais, no período de corte imperial, tais vagas eram supridas por indicações, nunca preenchidas por mulheres.

Nesse sentido, a primeira obra abordada será sobre o que Nísia Floresta deixou de reflexão, quanto à forma injusta em que o homem condicionava a mulher. Diante das considerações finais, propõe-se reflexões quanto ao cenário atual da mulher, levantando questionamentos que serão abordados a partir das críticas desta autora. Partindo da primeira obra que reflete o grito da mulher, que vem ecoando desde o século XVIII por meio da feminista inglesa Mary Wortley Montagu, a qual foi traduzida no mesmo século por Mary Wollstonecraft, chegando até o século XIX na tradução de Nísia Floresta, que fazia dessas escritas sua defesa pelos direitos das mulheres. Além disso, analisar suas críticas quanto ao modelo de educação das mulheres, apontadas por intermédio do livro *“Opúsculo humanitário”*, que revela a contribuição desta autora na luta pelo direito de emancipação das mulheres por intermédio da escrita.

LIVRO - “DIREITOS DAS MULHERES E INJUSTIÇA DOS HOMENS”

A maior obra de referência quanto ao discurso ideológico de Nísia Floresta frente à emancipação feminina está presente neste livro, publicado pela primeira vez em 1832, tradução de uma obra inglesa, conforme já foi mencionado na introdução deste artigo, Nísia defende por meio destes pensamentos escritos, a inclusão da mulher na educação voltada para ciência. Momento em que a autora destaca a importância de um elevado avanço intelectual da mulher, contido em sua proposta de educação, não só a formação da conduta moral, mas também na ocupação dos espaços públicos e literários, a autora no excerto abaixo, questiona a postura da sociedade:

Por que a ciência nos é inútil?
Porque somos excluídas dos cargos públicos;
e por que somos excluídas dos cargos públicos?
Porque não temos ciência (FLORESTA, 1989a, p. 52).

Como a própria voz dessa autora ressoa, ao seu discurso pelo direito da mulher no acesso ao campo das ciências, para que pudessem assim ter condições de ocupar tais cargos públicos, inclusive na área da saúde, o qual defendia a importância da mulher neste meio devido sua assepsia.

Esta obra, que foi dividida em três capítulos, trata das questões levantadas pela autora quanto ao conceito que os homens faziam das mulheres, aborda a inferioridade feminina diante aos homens, tratando no último capítulo da capacidade das mulheres ensinarem ciências. Essas questões talvez pareçam distantes da realidade atual, mas podem ser pertinentes para análise comparativa que devem ser debatidas, com a possibilidade de reflexão para analisar o que realmente mudou no cenário feminino, diante ao que essas autoras vinham denunciando.

Na tentativa de abordar de forma sucinta esses três capítulos, analisando o que se traz nesta obra tão importante de Nísia Floresta, quanto à condição da mulher, a seguir, apontar-se-á um recorte considerado significativo de cada capítulo. Buscando trazer uma reflexão deste perfil da mulher contemporânea, descritas nas vozes destas feministas tão importantes na história da humanidade, quando se trata de emancipação feminina e conquistas de direitos.

O CONCEITO QUE OS HOMENS FAZEM DAS MULHERES

Neste primeiro capítulo do livro, propõe-se analisar o excerto a seguir, que evidencia e defende-se a ideia de que as mulheres deveriam ter direito a cargos públicos, justificando:

Da mesma forma que todos aqueles, pois, que mais contribuem a essa vantagem pública devem por isso obter maior porção de estima pública. Ora, as mulheres, encarregando-se generosamente e sem interesse do cuidado de educar os homens na sua infância, são as que mais contribuem para essa vantagem, logo são elas que merecem um maior grau de estima e respeito público (FLORESTA, 1989a, p. 83).

Destaca que as mulheres, devido ao fato de se encarregarem pela educação dos homens na infância, deveriam ser merecedoras de estima e respeito público. Principalmente, ao fazerem essa função com tanta generosidade. Nísia Floresta, ao tecer suas críticas aos homens, denuncia a desvalorização destes que são formados pelas mulheres, são os mesmos que não as aceitam em cargos públicos, que negam a participação ativa da mulher na esfera política e científica da sociedade.

Partindo dessa afirmação da escritora, propõe-se a primeira reflexão quanto ao retrato da mulher de hoje, sua participação e reconhecimento na vida pública, em cargos públicos, principalmente na educação e na política. Em que aspectos poderíamos considerar que a mulher (que veio sendo denunciada desde o século XVIII, com a mesma ênfase no século XIX, ecoando a mulher do século XX até essa do século XXI), conquistou, significativamente, seu espaço diante ao conceito do que os homens fazem dela? As mulheres, atualmente, recebem do homem estima e respeito por ocuparem diversas funções, das quais Nísia tanto defendia que tivessem direito? Como seria o olhar de hoje para essas questões?

Para refletir esses questionamentos, vale destacar o contexto histórico que Nísia Floresta descreve quanto ao pensamento de homem, em que ela denunciava a respeito.

Naquela sociedade, era comum os homens confessarem que as mulheres nasceram para seu uso, acreditavam que a única função da mulher seria na procriação e nutrição dos filhos, da regência do lar, na servidão, obediência e para dar prazer aos seus amos, ou seja, seus esposos. Atualmente, como seria o pensamento e a postura do homem?

Nísia Floresta acusava os homens de manifestarem em sua postura social, numa crença na qual acreditavam que as mulheres foram criadas para lhes servirem, sendo o contrário, a autora afirmava que ainda provaria que os homens é que foram criados para servir as mulheres. Os fatos que destacavam sua defesa, pautavam-se na função que a mulher tinha em nutrir as crianças, assim como gerá-las.

A INFERIORIDADE FEMININA AOS HOMENS

No segundo capítulo do livro de Nísia Floresta, destaca as questões de inferioridade entre homens e mulheres. Defensora do rompimento deste pensamento e comportamento de inferioridade, aponta que uma das grandes vulnerabilidades da mulher, deve-se aos seus momentos de intervalos (período menstrual), como ela mesma descreveu, que são semelhantes às fases da lua. Afirma ainda, poeticamente, quanto à necessidade da mulher em atuar como sexo frágil, na qual busca a luz para brilhar (FLORESTA, 1989a).

No estudo de Duarte (2010), indica que Nísia criticava o que acontecia desde o início do século XIX, quanto às notícias de “experiências científicas” que visavam “provar” a superioridade do homem branco sobre a mulher, bem como, sobre o negro e o índio (DUARTE, 2010). Ambos eram fontes para o discurso de Nísia Floresta contra o preconceito e a exclusão social de mulheres, negros e índios.

Existem apontamentos que indicam a ocorrência de fraudes científicas, para reforçarem o poder de superioridade. Ao fim do século, tais experiências eram consideradas absolutamente corretas. Em contrapartida, Nísia Floresta rebatia essas pesquisas, buscando provar a mesma capacidade intelectual entre homens e mulheres. Sua principal arma sempre foi a educação, a comunicação e a busca pelo conhecimento e reconhecimento do direito da mulher a este acesso. Desbravou o caminho para tantas mulheres brasileiras, ao direito de sua inserção na sociedade, seu acesso à ciência e à educação, como forma de emancipação.

Nos dias atuais, com tantas frentes de lutas ao direito das minorias, além do surgimento das leis por meio de estatutos, decretos, diretrizes, de forma legal para que se incluam direitos e se excluam preconceitos de gênero, sexualidade, etnia, dentre as diversidades culturais. Parece inadmissível pensar nesta forma perversa, em que a sociedade impunha sua força diante aos mais “fracos”.

Neste sentido, é possível perceber que a atual sociedade ainda não deixou de se sentir superior, diante de outras que tanto se impuseram como inferiores? Como a mulher tem sido tratada nos meios políticos, científicos, educacionais, dentre outras funções de trabalho que um dia foram de total domínio masculino? No caso dos

negros e índios de nossa atualidade, é possível considerar que diante de lutas e leis, avançou-se nesta batalha?

Talvez, ao ter contato com a voz dessa autora, compreendem-se as razões que resultaram em tantas lutas que se arrastam ao longo da história. Pensando nesta historicidade, compreende-se que a intolerância ainda persiste em ser ressoada nos dias de hoje, quanto à discriminação de algumas partes da sociedade que não tiveram oportunidades paritárias. Atualmente, tais experiências absurdas desapareceram, porém, o preconceito e a violência ainda insistem em sobreviver.

A CAPACIDADE DAS MULHERES DE ENSINAR CIÊNCIAS

No último capítulo, Nísia Floresta aborda a questão do direito das mulheres, quanto à sua capacidade de ensinar ciências, enfatizando o estudo da Retórica, aponta que este é um talento natural e particular das mulheres, desdenhando inclusive de que nenhum homem é capaz de disputar esse dom. Complementa, em sua defesa, que as mulheres detêm um grande poder de estado, uma alta habilidade que consegue persuadir tudo que lhes apraz. Defende que a capacidade da mulher, neste sentido, é tão grande que a torna capaz de ditar, defender e distinguir o justo do injusto sem o recurso das leis. Conforme em destarte:

Quando as mulheres tratam de algum objeto, elas se dirigem de uma maneira tão delicada, que os homens são obrigados a reconhecer que elas lhes fazem sentir o que dizem. Toda arte oratória das escolas não é capaz de dar a um homem essa eloquência e facilidade de se expressar [...] (FLORESTA, 1989a, p. 95).

Segundo os ideais defendidos por Nísia Floresta, existe um talento natural na mulher quanto à sua habilidade de explicar, em desenvolver os trabalhos mais difíceis e complicados, afirmava que o sexo feminino parecia ter nascido para ensinar, que isso não seria nas questões voltadas às observações exatas e razões sólidas. Nísia acreditava que: “Não faríamos, como certos homens, que empregam anos inteiros e algumas vezes mesmo toda sua vida, a raciocinar sobre entes de razão e bagatelas imaginárias, que só existem em seus próprios cérebros” (FLORESTA, 1989a, p. 97).

Para finalizar, as últimas reflexões quanto a esta primeira obra em estudo, percebemos que Nísia defende o dom natural e a capacidade didática que a mulher possui. Neste ponto, encontramos na atual sociedade uma resposta, quando pensamos no predomínio da mulher na área da educação, certamente sem ao menos acessar algum dado estatístico, é notável a participação predominante da mulher na educação básica.

Atualmente, talvez possa não existir mais impedimento quanto ao acesso da mulher no campo das ciências exatas e da saúde no Brasil. Ao pensar em nível superior, tratando-se do campo das ciências exatas, seria possível considerar este mesmo parâmetro? O que poderia ser levado em consideração para que ainda possa existir distanciamento da mulher na área das exatas? Nísia afirmava que a mulher seria inteiramente oportuna nas ciências da saúde. No cenário atual da sociedade brasileira seria perceptível esta inserção?

LIVRO - “OPÚSCULO HUMANITÁRIO”

O que mais se destaca nesta obra de Nísia Floresta, foram suas duras críticas ao sistema de ensino daquele momento histórico no Brasil. O “*Opúsculo humanitário*” pode também ser considerado um discurso altamente elaborado, ressoando na voz dessa autora, todo um cuidado religioso e devoção da mesma.

Neste mesmo sentimento de devoção, foi que a professora Peggy Sharpe-Valadares, desenterrou esta obra 135 anos depois, ao pesquisar na biblioteca sobre a história das mulheres no Brasil. Além de Nísia Floresta, esta autora também pesquisa demais escritoras brasileiras, tais como, Inês Sabino, Júlia Lopes de Almeida, Ercília Nogueira Cobra, Adalzira Bittencourt, Clarice Lispector, Lygia Fagundes Telles, Nélida Pinon e Marina Colasanti.

Ao resgatar esta obra de grande valia, conforme as palavras contidas no prefácio e texto introdutório, Sharpe-Valadares confessa que publicar este livro, tanto ela quanto Constância Lima Duarte (responsável pelo posfácio), ambas desde a primeira aproximação à obra da autora, sentiram-se impulsionadas a se manterem na íntegra, durante a atualização ortográfica do texto da presente edição. Buscaram toda a fidelidade que sentiam obrigatória para assegurar o perfeito sentido da mensagem da autora.

Sharpe-Valadares ainda afirma que: “não dispensamos, onde e quando necessário, de nos indagar se Floresta, dirigindo-se, de imediato, a leitores de jornal, não teria hoje o cuidado de emprestar a seu texto a plástica que a dinâmica dos tempos atuais”. Ambas as pesquisadoras responsáveis pela reedição desta obra, acreditam ter operado num meio termo que respeitou por inteiro o corpus original. Acreditam que possam devolver, ao mesmo tempo, ao leitor moderno as páginas que, de princípio, se destinavam ao homem e à mulher daquela época.

Quando afirmamos, no título deste trabalho, que Nísia Floresta ainda é uma voz oculta, encontramos esta afirmação nas palavras de Sharpe-Valadares, ao destacar na introdução deste livro: “saliente da omissão seletiva por que passam as mulheres nos cânones da vida intelectual é o nome de Nísia Floresta Brasileira Augusta, figura revolucionária da sociedade do século XIX e precursora do moderno movimento feminista no Brasil” (FLORESTA, 1989b, p. IV, citado por SHARPE-VALADARES).

Um descaso talvez em se tratando de uma das principais responsáveis pela ousadia de enfrentar a discriminação vivenciada pelas mulheres em seu tempo. Como ainda Sharpe-Valadares destaca nesta obra, que seu trabalho de escritora e educadora foi apenas superficialmente reconhecido pela crítica. A especificidade do seu discurso penetra o amplo espectro social, visto sob o ângulo da subjetividade feminina, em um tempo em que a maioria das mulheres não só não escrevia, como nem mesmo recebia instrução formal.

Ao analisar esta obra, precisamos de uma pesquisadora de outro país, para destacar o trabalho de uma das mais influentes feministas no Brasil. Ainda ressaltando

a importância de Nísia Floresta, Sharpe-Valadares aponta que o pensamento e a ação de Nísia Floresta são exemplos de contribuição literária dos mais raros e, sob dois aspectos, pelo menos, servem para desvelar o passado histórico das mulheres: 1) como uma fonte pela autora mesma personificada, e 2) pelo contraste do quadro histórico em que se situa, por ela vividamente retratado, contra o qual edifica a sua obra multifária.

Ainda na introdução desta obra, Sharpe-Valadares destaca que os esboços biográficos, de Socorro Trindad e Zélia Maria de Bezerra Mariz mostram, ademais, o que, através de Nísia Floresta, o feminismo brasileiro, não obstante a escassez de documentos e a dificuldade de encontrá-los, têm feito para reescrever o passado histórico da mulher no Brasil. Podemos afirmar que não somente no âmbito da mulher, mas também os relatos da história da educação no império, além da solidificação da mulher na imprensa brasileira. Conforme se afirma:

Para Socorro Trindad, a primeira feminista brasileira, foi a índia potiguar Clara Camarão, figura de destaque nas lutas contra os holandeses, durante a primeira metade do século XVII. Nos campos de batalha, ela liderava um grupo de índias no incentivo aos combatentes pró-Portugal para heróicos feitos de armas (FLORESTA, 1989b, p. IV, citado por SHARPE-VALADARES).

Sharpe-Valadares prossegue dizendo que dois séculos adiante, Clara é continuada por outra “guerreira” de sua terra, chamada Dionísia Gonçalves Pinto - nome real de Nísia Floresta – que não encarnou nenhum papel lendário, mas elevou-se à categoria de primeira mulher brasileira a publicar e divulgar suas ideias revolucionárias, tanto no Brasil quanto na Europa, e em três línguas diferentes: português, francês e italiano.

Finaliza a nota introdutória lamentando que os escritos de Nísia Floresta tenham permanecido inacessíveis ao público brasileiro - desde nada menos que por mais de um século. Afora notas esparsas em compêndios de história da literatura ou em livros de referência, ela foi quase completamente relegada ao esquecimento.

Diante de todo o discurso de Nísia Floresta, desfere-se nesta obra críticas ao sistema de ensino, mas não deixa de entoar de forma poética sua narrativa discursiva emotiva, quando ao iniciar seu texto clama:

Educai as mulheres! Povos do Brasil, que vos dizeis civilizados! Governo, que vos dizeis liberal! Onde está a doação mais importante dessa civilização, desse liberalismo? Em todos os tempos, e em todas as nações do mundo, a educação da mulher foi sempre um dos mais salientes característicos da civilização dos povos (FLORESTA, 1989b, p. 2).

Ao longo de seu discurso inicial, Nísia Floresta introduz um apelo à importância do papel da mulher em todas as civilizações, em detrimento à forma de que em todos os tempos, e em todas as nações do mundo, a educação da mulher foi sempre um dos mais salientes característicos da civilização dos povos. Desde o berço do gênero humano no território asiático, a mulher foi sempre considerada, ou como um instrumento do prazer material do homem, ou como sua escrava submissa. Não obstante, Nísia também não encontra na África, outro berço da civilização, nenhum fragmento que exalte a sabedoria da mulher, seu único mérito continua sendo a beleza de seu corpo.

Neste viés histórico da mulher, Nísia Floresta destaca que somente na Grécia antiga com a influência socrática, aponta-se o surgimento da exaltação feminina. Neste momento, a mulher começa a não ser mais vista somente como fonte que sacia os homens, a mulher, na sabedoria grega, é apreciada por sua inteligência e força para os trabalhos espirituais.

Após um longo discurso diante do percurso histórico quanto à inserção da mulher no contexto social das civilizações, Nísia Floresta nos faz compreender que a mulher moderna buscava influência da civilização grega, mas indaga a ausência de princípios cristãos. Ressalva ainda que as mulheres alemãs eram privilegiadas diante das mulheres antigas e modernas, inclusive pelo respeito e amor pelas famílias que pregavam.

Nísia Floresta demonstrou verdadeiro encanto pelos seus estudos quanto à nação alemã. Ao viajar pela Europa, morou na França, Inglaterra, Portugal, Grécia, Itália e Alemanha. Destacou profunda admiração ao retratar, categoricamente, com suas próprias palavras, ao exaltar em sua obra:

Na pátria dos Leibnitz, Kant, Klopstock, Goethe e Humboldt - essa terra que, pelo alto grau a que os seus nacionais têm levado o estudo e a meditação, é justamente denominada a pátria do pensamento - a parte da humanidade que nutre em seu seio, e guia depois os primeiros passos da outra, foi e é ainda considerada como devidamente o merece. Também é a Alemanha a terra por excelência de um povo viril, franco, honesto e virtuoso (FLORESTA, 1989b, p. 22).

Para além da sociedade alemã, qual esta escritora tanto destacava, percebe-se em seus apontamentos sua admiração na sociedade inglesa, ao revelar em sua obra:

A Grã-Bretanha, marchando à frente de todas as nações pela sua força material, marcha igualmente em primeira ordem na civilização europeia. Devendo todas as vantagens de que goza tanto ao grandioso comércio como à estima pelas ciências e letras, ela não tem negligenciado a educação da mulher e o cultivo de sua inteligência. O povo inglês, entre o qual existe menos influência das castas privilegiadas, mais espírito de ordem, mais atividade e mais convicção de seus próprios direitos, não podia deixar de facultar à mulher a liberdade e os meios de segui-lo nos progressos da civilização moderna (FLORESTA, 1989b, p. 22).

Toda essa influência entre a mulher alemã e a inglesa fez com que Nísia Floresta, ao levantar estes perfis, pudesse realmente elencar as características que fizessem a mulher tornar-se realmente emancipada, considerando um imenso atraso na educação das mulheres no Brasil. Esta voz oculta na história da educação brasileira propunha, em tempos tão tradicionais, uma revolução na educação da mulher, defendendo que esta seria a única forma de nações se desenvolverem. Nísia Floresta, defendeu até suas últimas palavras, o poder da mulher diante da educação e da sociedade, cabendo a ela as transformações necessárias.

Ao retratar que a origem deste livro faz parte de uma compilação de artigos publicados na imprensa durante o período monárquico, faz-se pensar o que significou para a sociedade daquele momento, uma obra de tamanha riqueza em termos de

pesquisa e conteúdos, dos quais discutem e abordam diversas obras e autores, tais como, Voltaire, Montesquieu, Rousseau, Descartes, destacando ainda como defensores do direito do sexo, Wollstonecraft, Condorcet, Sièyès e Legouvé.

Neste percurso de estudos quanto ao perfil das mulheres, Nísia encontrou aspectos relevantes que destaca na cultura da mulher norte-americana, contextualizando-a como fonte mais apropriada e emancipadora, conforme menciona:

Na América, diz F. Cooper, a mulher parece ocupar o seu verdadeiro lugar na ordem social. Mesmo nas condições inferiores é ela tratada com as atenções e respeitos devidos aos seres que cremos depositários dos princípios mais puros de nossa natureza...É sempre a amiga de seu marido, algumas vezes seu conselheiro...Em nenhuma parte a mulher é mais completamente a companheira do homem; em nenhuma parte é ela mais livre de dispor do seu coração e de sua mão; mas em parte alguma também ela tem um sentimento mais profundo de seus deveres, da santidade de sua missão providencial [...] (FLORESTA, 1989b, p. 40).

Em seguida ao minucioso texto onde esta autora discorre amplamente quanto à educação das mulheres, diante as civilizações por diversas partes do mundo. Nísia Floresta, em seu livro original no capítulo XVII, inicia sua descrição e críticas ao Brasil, conforme impõe em suas próprias palavras:

É tempo de voltarmos ao nosso caro Brasil, cujo interesse inspirou-nos este trabalho, e repetir a exclamação com que começamos este opúsculo: Povos do Brasil, que vos dizeis civilizados! Governo, que vos dizeis liberal! Onde está a doação mais importante dessa civilização, desse liberalismo? (FLORESTA, 1989b, p. 42).

Alegava testemunhar o empenho dos homens pensadores das nações cultas (inclusive com fortes pesquisas e estudos junto a August Comte na França), em harmonizar a educação da mulher, acreditando que nesse grandioso investimento se prepara a humanidade. Lamentava que no Brasil, nada, ou quase nada se havia feito para remover os obstáculos que retardam os progressos da educação das mulheres, como mencionou categoricamente: “que elas possam vencer as trevas que lhes obscurecem a inteligência, e conhecer as doçuras infinitas da vida intelectual, a que têm direito as mulheres de uma nação livre e civilizada” (FLORESTA, 1989b, p. 44).

Criticava a forma em que se ofertava educação formal para as crianças, posicionando-se totalmente contra aos métodos adotados, conforme descreve:

“As escolas de ensino primário tinham antes o aspecto de casas penitenciárias do que de casas de educação. O método da palmatória e da vara era geralmente adotado como o melhor incentivo para o desenvolvimento da inteligência” (FLORESTA, 1989b, p. 57).

Nestas escolas, havia o uso bárbaro do vergonhoso castigo do açoite para meninos. Se as meninas eram admitidas de comum com o outro sexo, ficavam isentas dessa sorte de barbárie, mas por vezes recebiam como castigo a palmatória, caso descumprissem ordens ou citassem palavrões.

Considerando que atualmente não temos mais esses tipos de métodos, porém, poderíamos reconhecer que ainda existe certo vestígio de prisão características das escolas? O que mudou? A conduta dos sujeitos, ou a estrutura do ambiente? Diante das escolas que conhecemos atualmente, seria possível pensar que elas têm sido projetadas num espaço apropriado para criança ou o adolescente, priorizando a aprendizagem?

Vale refletir conforme Nísia Floresta afirma: “Quanto mais ignorante é um povo tanto mais fácil é a um governo absoluto exercer sobre ele o seu ilimitado poder” (FLORESTA, 1989b, p. 60). A voz desta autora já ousava diante da corte imperial em publicar essas palavras, explicando os motivos dos quais a sociedade não deveria esperar de líderes governantes, que promovessem uma educação de qualidade, com verdadeiro acesso ao conhecimento irrestrito.

Diante de toda sua indignação, ao mesmo tempo por sua luta pela emancipação feminina, ao analisar o quadro demonstrativo do Estado da Instrução Primária e Secundária das Províncias do Império e do Município da Corte, no ano de 1852, Nísia Floresta criticava a estatística diante dos alunos que frequentam aulas públicas, que somavam um total de 55.500 alunos, diante destes apenas 8. 443 eram alunas. No início desses resultados, já rogava:

Um dia raiará mais propício para nós, em que os escolhidos da nação brasileira se dignem de achar a educação da mulher um objeto importante para deles ocuparem-se com a circunspeção que merece. Entretanto, lancemos os olhos para o que se acha atualmente feito pelo governo em favor do ensino primário das nossas meninas (FLORESTA, 1989b, p. 81).

Nísia Floresta propõe refletir essa desproporção, para julgar-se do atraso em que se encontra a instrução do sexo, como ela dizia: “tão mal aquinhoado na partilha do ensino pago pelo governo”. Nenhuma proporção há, como vamos ver na tabela seguinte:

Estado	Número de Escolas	Escolas para Meninas
Minas Gerais	209	24
Bahia	184	26
Pernambuco	82	16
Rio de Janeiro	116	36

Fonte: *Opúsculo humanitário* (FLORESTA, 1989b, p. 82)

Por meio dessa tabela, percebe-se que o Estado do Rio de Janeiro, estava um pouco mais adiante dos demais apresentados na estatística, referente ao número de escolas disponíveis em relação ao acesso das mulheres na educação formal. Vimos, com esses dados, que tanto de forma quantitativa ou qualitativa, não havia espaço para a mulher. Ao se pensar quantitativamente, a exclusão era imensa, ao se pensar qualitativamente os métodos apontavam um viés machista, por meio do currículo proposto pelo sistema de ensino, tão criticado por Nísia Floresta. De qualquer forma, não era considerado

um espaço privilegiado de valorização à mulher. Nos dias atuais, além de não existir mais divisão deste tipo de escola, é possível acreditar que não existe mais divisão entre as atividades entre meninos e meninas? Seria possível existir nos dias de hoje, escolas que segregam e dividem ações por gênero?

Contudo, Nísia Floresta, desfere críticas desse sistema alegando que os métodos disponíveis não supriam as possibilidades didáticas, além de não atingir o amplo acesso das meninas no contexto escolar, conforme reclamava:

[...] acrescentemos agora ao medíocre número dessas escolas a confusão dos métodos, das doutrinas seguidas pelas professoras, quase sempre discordes em seus sistemas e, como já observamos, em grande parte sem as necessárias habilitações, e teremos reduzido à expressão mais simples, o número da nossa população feminina que participa do ensino público e o grau de instrução que recebe (FLORESTA, 1989b, p. 83).

Além de apontar falhas metodológicas no sistema de educação da sociedade brasileira, encontra-se em suas palavras, uma profunda admiração na sociedade inglesa e alemã. A obra *“Opúsculo humanitário”*, não é somente uma compilação descritiva, mas sim uma pesquisa fundamentada desde a antiguidade. Nísia foi mais além, desbravou os mares com destino a diversos países europeus, em busca de aferir suas pesquisas com foco na educação voltada para as mulheres. De acordo com todo esse arsenal de pesquisas referente à condição da mulher na Europa, Nísia Floresta ressaltava necessário que:

Imitemos principalmente os ingleses no respeito à religião e à lei, os alemães no hábito de pensar e no empenho de elevarem-se acima de todos os povos pelo estudo e pela reflexão, os franceses em seu espírito inventor e em suas generosas inspirações civilizadoras: a todos, no gosto pelo trabalho e no desejo sempre progressivo de engrandecerem-se por seu engenho e atividade (FLORESTA, 1989b, p. 101).

Afirmava que não era a falta de erudição da sociedade que mais deveríamos lamentar, mas sim em pensar que “a ignorância das mulheres poderá ser um dia substituída por conhecimentos que as tornem dignas de renome [...] o mesmo não acontecerá a respeito da viciada educação que, como incêndio, vai lavrando pelo centro das famílias e deixando-lhes consideráveis vestígios, que nenhuma instrução conseguirá apagar” (FLORESTA, 1989b). Ao pensarmos no que Nísia Floresta retratava sobre o sistema de educação proposto, tanto nas famílias quanto nas escolas, descritas no *“Opúsculo humanitário”*, o que podemos refletir diante desses vestígios que a escritora ressoava em sua voz?

São inúmeras as contribuições desta escritora, como ponto de reflexão para discutir, analisar, estudar a condição da mulher brasileira em nossa sociedade. Sua obra tão rica de estudos e profunda reflexão quanto à história da mulher no mundo e sua condição no Brasil. Clama-nos as conquistas que hoje parecem tão comuns, mas para uma realidade histórica vivida em tempos que mulher não tinha estudo, voz e vez. Nísia suplicava no discurso final de seu opúsculo: “Bani de seu espírito os errôneos preconceitos que por aí vogam a respeito da fraqueza do sexo” [...] (FLORESTA, 1989b, p. 159).

Em mais um de seus últimos suplícios, sua voz atenua e acentua um chamado à sociedade imperial, em que a coragem de Nísia escandaliza muitos. Destemida abre sua fala num tom de emoção: “Pais, governo, povos do Brasil! Elevai os olhos para esse esplêndido firmamento que se estende variando constantemente de mil encantadoras cores por sobre as nossas cabeças” (FLORESTA, 1989b, p. 159).

Encerra sua obra com indagações deixadas para seus leitores, tão pertinentes até os dias atuais, onde questiona:

Não vos diz a consciência que a mulher nascida nesta vigorosa terra superabundante de magnificências naturais, respirando sob um céu radiante, no meio da poesia de tão admirável natureza, não se pode limitar ao papel que tem até hoje representado?... Não sentis que a sua missão nesta parte da América civilizada, tão balda ainda de instituições caridosas, não deve ser a de recolher factícios triunfos tributados à matéria, quando o seu espírito pode e deve pretender a elevar-se às mais dignas e nobres aspirações, promovendo na terra o bem do seu semelhante? (FLORESTA, 1989b, p. 159).

Nota-se em sua proposta, o anseio em romper com a forma cultural em que a mulher era vista. Nísia Floresta, incansavelmente, buscou por meio das palavras, lutar bravamente pela emancipação da mulher no Brasil. Uma digna conhecedora de tantos mundos, debruçou seus esforços e estudos em diversos autores, juntando forças, inclusive com o movimento positivista, que talvez nos dias de hoje possa ressoar negativamente. Porém, esta influência e corrente científica abriu o campo das ciências sociais, tratada por esta autora como fonte de análise para sustentar seus preceitos, seja na condição da mulher ou na educação. Enfatiza em seu último grito, sua voz encerrando em alto e bom tom: “Educai, para isto, a mulher e com ela marchai avante, na imensa via do progresso, à glória que leva o renome dos povos à mais remota posteridade!” (FLORESTA, 1989b, p. 160).

Ao analisar a obra “*Opúsculo humanitário*”, buscou-se coletar fragmentos que destacam a voz desta escritora, quanto à sua coragem e ousadia em soltar sua voz, em escrever e publicar inúmeras vezes, seus estudos e posição contrária ao modelo de educação dispensado para as mulheres, além da falta de escolas destinadas para as mulheres. Nísia Floresta apontava um perfil ideal para as mulheres, que não se encaixa mais nos dias atuais, que exige maior liberdade de expressão e escolhas. Mas para a mulher de seu tempo, certamente estava limitada e necessitava de uma educação formatada e padronizada. Afinal, era o início de uma longa batalha para suas conquistas, como o direito ao voto, a cargos públicos, entre tantos espaços completamente inalcançáveis naquele momento.

O estudo deste livro teve como intuito metodológico investigar os principais destaques ressoados na voz desta escritora, diante da condição da mulher na sociedade brasileira. Agora nas considerações finais, em destaque algumas reflexões do estudo comparado entre os dois livros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar o livro “*Opúsculo humanitário*” comparando com o “*Direito das mulheres e injustiça dos homens*”, permite refletir não somente a voz da primeira escrita feminina no Brasil, mas também percorrer o tempo em outras vozes, de outros séculos que já denunciavam a condição de exclusão da mulher, num discurso voltado à defesa de sua emancipação por meio da educação, ciência e política.

Nísia Floresta pode ser considerada a primeira mulher no Brasil a se utilizar do jornal para a divulgação de ideias feministas. Atualmente, os temas abordados, nos livros em análise, podem não mais impactar na sociedade brasileira, ao se falar no direito das mulheres, sua emancipação e inserção na sociedade, seja no âmbito político, científico, educacional, para além do acesso ao ensino das ciências exatas e da saúde. Mas, certamente, servem como ponto de partida para aprofundar os estudos neste processo histórico, principalmente pela importância da escrita feminina, traçada na sociedade brasileira, por intermédio de inúmeras escritoras, ousando neste estudo destacar Nísia Floresta como a precursora da literatura feminina no Brasil.

Suas contribuições para que a mulher brasileira contemporânea pudesse responder esse clamor de Nísia Floresta, marcam essas duas obras em destaque neste trabalho, torna-se claro que seus escritos foram resultado da reunião de artigos publicados audaciosamente pela escritora. A primeira obra citada foi inicialmente veiculada no jornal “*O Espelho das Brasileiras*” (1932), e a segunda obra teve veiculação no “*Diário do Rio de Janeiro*” e no jornal “*O Liberal*” (1852 a 1853).

Considerando que, neste momento, a mulher mal podia escrever seu nome, votar, ocupar cargos públicos, para além de somente existir para servir o marido e a família. Podemos aferir que esta escritora pode ser consagrada a primeira jornalista no Brasil. Tem grande destaque por sua atuação corajosa como escritora e professora, sua voz se consagra como uma fonte importante na história da atuação da mulher brasileira, mesmo diante uma sociedade instituída legalmente contra seus ideais feministas. Enfrentou diversos preconceitos e conseguiu ganhar admiração, respeito e prestígio, abrindo espaço para que outras mulheres tivessem o direito de expressar sua voz, por meio da escrita.

Ao repensar que, neste momento histórico, o Brasil tinha dono, nas duas obras percorridas neste trabalho, percebe-se tamanha ousadia ao desafiar o machismo dos homens e a superioridade dos governantes. Além disso, Nísia Floresta circulava por todo o país, e não satisfeita com o território brasileiro, atravessou por diversas vezes o Oceano Atlântico, em busca de conhecimento e aperfeiçoamento de seu discurso e de sua defesa. Amparada em diversos autores, em destarte nos ingleses e alemães como forma de um modelo social, que valorizava a educação das mulheres, apontando que estas nações eram tão avançadas devido aos investimentos na potencialidade e na inteligência da mulher.

Ao pensar em nosso momento atual, vale lembrar antes disto, que Dionísia Gonçalves Pinto morreu quatro anos antes da proclamação da república no Brasil. Considerada uma das maiores disseminadoras dos ideais de amor, ordem e progresso no Brasil, influenciada por seu mestre e amigo August Comte. Esta escritora não assumia a defesa positivista, mas lutava amparada na bandeira deste movimento, em prol do direito das mulheres e o combate à injustiça que os homens provocavam ao excluir a mulher da participação social em todos os meios, sejam profissionais, políticos, educativos, científicos.

Partindo de uma reflexão final, a qual propomos encerrar este trabalho, retomando a análise da sociedade atual em detrimento ao clamor contido na voz desta escritora, pode-se pensar num retorno significativo aos anseios de Nísia Floresta, quanto à ascensão da mulher na sociedade, suas conquistas sexuais, jurídicas, econômicas, e sua inclusão no mercado de trabalho, inclusive em cargos públicos e políticos.

Enfim, ao encerrar este artigo, sabemos que não se esgota as possibilidades de releitura destas obras e apontamentos de novos prismas. Porém, buscou-se apresentar a voz de Nísia Floresta, por meio das obras em estudo, partindo-se delas propor os seguintes questionamentos para reflexão. Podemos considerar que a mulher brasileira não é mais vista pelos homens como uma serva ou um ser autômato para o seu mero uso? Pensando na condição da mulher descrita no tempo de Nísia Floresta, como podemos analisar a desacerbada indústria da estética, que tanto fatura diante da insatisfação da mulher, em busca de um corpo ideal? De que forma podemos analisar esse reforço à cultura da imagem? A mulher brasileira, na atualidade, é realmente respeitada em quaisquer espaços da sociedade?

Nísia Floresta, ao defender o poder natural da mulher de ensinar, destaca também que cabe a ela redesenhar as formas em que vem conduzindo a educação dos homens. Seu principal parâmetro para defesa do potencial feminino na educação, esta justamente calcado em seu domínio sobre a educação familiar. Faz-se necessárias novas práticas, novos métodos que alcancem de fato a aprendizagem que promovam a emancipação, que na época foi marcada pelo preconceito e intolerância. Mas que ainda retratam o cenário e a condição das mulheres no Brasil.

As duas obras apresentadas para discussão e reflexão são marcadas pelo forte discurso de Nísia Floresta em defesa da emancipação da mulher. Esta voz mostrou em teoria e prática, de que forma a mulher poderia se libertar da condição de submissão, apostando todos os seus créditos no poder da educação para emancipação, utilizando a comunicação escrita para publicar e divulgar seus estudos e pesquisas.

Uma mulher à frente de seu tempo. Ousou com suas publicações, escandalizou a sociedade imperial com suas ideias, abriu caminhos para a escrita feminina no Brasil. Esta é a imagem que se vem à mente, quando procuramos expressar todo reflexo das contribuições de Dionísia Gonçalves Pinto, uma voz tão importante e consagrada neste estudo, pioneira na literatura feminina brasileira contemporânea.

Ao mencioná-la como uma voz oculta neste artigo, buscou-se o sentido de sua importância diante o caminho que ela deixou aberto, para outras vozes da literatura feminina. É possível que muitas dessas escritoras, sejam mais reconhecidas do que ao falar em Nísia Floresta. Algo que pode ser refletido e servir como objeto de pesquisa acadêmica em literatura, inicialmente indagando a seguinte questão: quem foi Nísia Floresta?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DUARTE, C. L. **Nísia Floresta**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. Disponível em: <www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=205214>. Acesso em: 10 ago. 2015.

FLORESTA, N. **Direitos das mulheres e injustiça dos homens**. 4 ed. Introdução, Posfácio e Notas de Constância Lima Duarte. São Paulo: Cortez, 1989a.

_____. **Opúsculo humanitário**. Introdução e notas de Peggy Sharpe-Valadares. São Paulo: Cortez, 1989b.

LUNA, C. **Nísia Floresta: Una viajera brasileña em el viejo mundo**. Viajera entre dos mundos. Sara Beatriz Guardia – edición y compilación. Dourados: Editora UFGD, 2012.